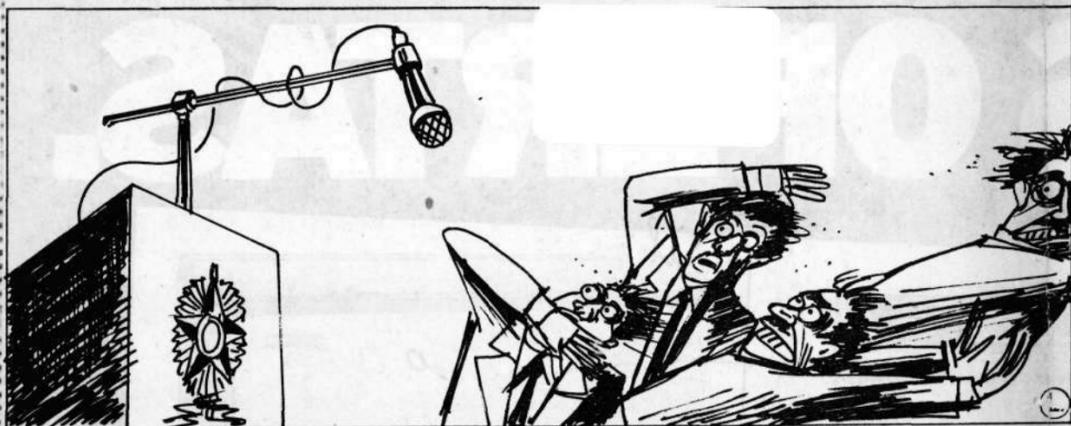


Constituintes cumprem mandato sem falar nada

Dizem que político gosta de falar, mas 115 deles fogem do microfone como o diabo da cruz



Delfim espera "hora certa" para falar

Esperar o momento certo. Esta é a estratégia do deputado Delfim Netto (PDS-SP) para o uso da tribuna, que até hoje não utilizou por uma só vez. Ele acha que o momento não é propício para usá-la. "por que é falar para um plenário vazio, sem qualquer proveito, já que não existe debate, mas apenas o diálogo, com ofensa".

Delfim está deixando para usar a tribuna "quando se instalar o Congresso". Segundo ele, até hoje, o PMDB tem usado o plenário como uma forma de catarse, "pois as coisas só acontecem mesmo fora daqui, nos apartamentos e esconderijos". Mesmo não tendo ainda usado a tribuna na Constituinte, ele reconhece sua importância, "mas no momento apropriado".

O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli (RS), tem uma explicação até compreensível: "Não falo na Constituinte mas falo várias vezes por semana no Senado". Como ele é senador, disse que prefere se utilizar do outro espaço.

Seis mandatos sem subir uma vez à tribuna

José Mendonça Bezerra (PFL-PE) já foi deputado estadual por três vezes e deputado federal também por três mandatos, sem nunca ter usado a tribuna. Não se considera tímido e acha que até fala bem, mas prefere trabalhar mais nos bastidores, no gabinete e visitando suas bases semanalmente. Ele disse que percebe uma disputa muito grande entre os parlamentares para o uso da tribuna, "por isso, deixo-a para os mais eloquentes".

MAIS JOVEM

Além dos seis mandatos sem usar a tribuna, José Mendonça Bezerra ainda se vangloria de ter também feito o deputado estadual mais jovem do Brasil: um filho seu de 20 anos de idade, eleito de-

putado estadual em Pernambuco, às custas do prestígio do pai. "Na última eleição, o ex-ministro e renomado jurista Fernando Lyra, apoiando o PMDB, que na época estava favorecido pelo Cruzado I e pelo mito Arraes, não conseguiu eleger seu pai deputado estadual", completou ele.

"Infelizmente, mesmo que você estude um assunto, e se dedique a ele, usando a tribuna há pouca cobertura. Por isso, prefiro continuar o meu trabalho silencioso, de bastidor", disse o deputado, que arrematou a entrevista, concedida na barbearia da Câmara, onde fazia o cabelo e engraxava os sapatos, informando que em Pernambuco é proprietário de uma emissora de televisão e um jornal.

Musa tímida treme sempre que discursa

Depois de ter sido chamada de "Musa da Constituinte", por sua beleza, Rita Camata (PMDB-ES) é agora conhecida mais por sua timidez. Apesar de já ter usado a tribuna da Constituinte por cinco vezes, até hoje não se acostumou e sempre que vai fazer um discurso não consegue tirar os olhos do papel. Ela reconhece e assume a timidez, mas assegura que quanto está em um palanque, em contato direto com o povo, não se sente nervosa.

Além da frieza do plenário, Rita aponta também como fator de inibição para uma "marinheira de primeira viagem" o próprio sistema de trabalho da Constituinte. Nas fases das subcomissões e comissões ela acha que teve uma atuação mais ativa, principalmente porque os assuntos tratados pela Comissão da Família, Menor e Idoso, da qual participou, estavam mais ligados à sua área de atuação, possibilitando-lhe o que considerou "uma identificação muito grande".

LAURENICE NOLETO (Da Editoria de Política)

Exatos 115 constituintes ainda não utilizaram a tribuna nas sessões plenárias da Assembleia. Por timidez, falta do que dizer ou mesmo desinteresse pelos debates, 20,5% dos 559 deputados e senadores poderão figurar como meros expectadores das sessões, não sem se pronunciar sobre uma linha que seja.

Se até mesmo políticos experientes, calejados de comícios na carroceria de caminhões, podem tremer diante da pompa e circunstância do plenário, a estréia é sempre uma experiência terrível para os novatos. A deputada Rita Camata (PMDB-ES), carinhosamente chamada "a musa da Constituinte", não conseguia controlar os nervos em seu primeiro discurso, e até hoje, na tribuna, lê os seus textos sem levantar os belos olhos do papel.

Timidez não é, no entanto, o caso do experiente e tarimbado ex-ministro Delfim Netto, que até hoje não fez um discurso e cuja estréia é aguardada com ansiedade, sobretudo pela esquerda ávida de um duelo verbal. Nem do senador José Richa (PMDB-PR), ex-deputado, ex-senador, ex-prefeito e ex-governador, líder do grupo dos 32, que prefere os encontros fechados e as reuniões do Instituto Israel Pinheiro para exibir sua eloquência e seus argumentos. Menos ainda do senador Carlos Chiarelli, líder do PFL, que é assíduo orador no Senado mas ausente nas sessões conjuntas da Assembleia Constituinte.

IMPORTÂNCIA

Mas enquanto alguns parlamentares não fazem questão desse instrumento de trabalho, outros sabem reconhecer sua importância e não perdem tempo nem oportunidade para aproveitá-lo. São os chamados "bons de bico", que se utilizam da tribuna tanto para fazer considerações sobre temas políticos polêmicos, transmitindo as reivindicações de suas bases, quanto para fazer uma denúncia, um comunicado de seu partido ou simplesmente para mandar recados aos governadores de seus estados, pedindo asfaltamento de uma estrada, uma escola rural, um posto de saúde ou denunciando problemas regionais como

a criação de porcos no Rio Grande do Sul.

Há bons de bico e há também folclóricos. Gumercindo Milhomem (PT-SP), por exemplo, marcou sua estréia indo para a tribuna sem gravata. Contrariou o regimento, provocou polêmica sobre o uso da indumentária no plenário mas, em originalidade, perdeu para o ex-deputado Agnaldo Timóteo, que em 83 se celebrou com o "alô, mãe" num telefone sem-fio e desligado.

Entre os mais assíduos, Francisco Küster (PMDB-SC) já é conhecido por sempre reclamar que o presidente da sessão pronuncia erradamente seu nome. "E Küster, com l, corrige sempre. Mas a mesa não aprende. José Elmar Murad (PTB-MG) se notabilizou por ler da tribuna verdadeiras crônicas literárias.

José Maria Emayel (PDC-SP) agita os braços quando fala. Tique nervoso, parece querer voar. No extremo oposto, Vladimir Palmeira (PT-RJ), líder estudantil da década de 60, de tão desconfiado chegou a tirar os sapatos enquanto discursava outro dia. Essa intimidade com a tribuna falta a seu irmão, ex-governador de Alagoas, ex-presidente do PFL, senador Guilherme Palmeira, que até agora não falou em nenhuma sessão da Constituinte.

MIUDEZA

Oswaldo Bender (PDS-RS) é o rei da miudeza: só fala de problemas regionais, quando não municipais, estranhos à elaboração da Carta. Hermes Zanetti (PMDB-RS) é o brigão, que sempre usa o microfone para críticas, denúncias, reclamações, cobranças. Em se tratando de briga, Zanetti só perde para o pessoal do PC do B (Aldo Arantes, Haroldo Lima e Lidice da Mata), que costumam gritar, como se anunciassem a manchete da sua "Tribuna", o jornal do partido.

Amaral Netto (PDS-RJ) é o "rei da adjetivação". Só não xinga a mãe de seus adversários políticos. Há poucos dias, inclusive, ele começou um discurso prometendo não "adjetivar" ninguém. Nelson Aguiar (PMDB-ES), só sobe à tribuna para falar sobre menor abandonado; Antonio de Jesus (PMDB-GO) já deve ter decorado seu discurso contra a obrigatorie-

dade da educação física. Ele é pastor evangélico e acha que as moças não precisariam ser obrigadas a usar "trajes indecorosos" para fazer ginástica. Mário Covas (PMDB-SP) e José Lourenço (PFL-BA) sempre se revezam nas falas, um rebatendo o que o outro acabou de dizer. Entre os discursos mais brilhantes, que prenderão a atenção de todos no plenário, são lembrados os de Mário Covas, do professor Afonso Arinos, Luiz Inácio Lula da Silva (PT-SP) e Benedita da Silva (PT-RJ).

"ESTRELAS"

Algumas "estrelas" da Constituinte foram também se afastando da tribuna à medida em que participavam mais ativamente em outras instâncias de decisão, dentro ou fora dos prédios do Congresso. Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, falou 55 vezes só nos dois primeiros meses, sumindo depois. Bernardo Cabral (PMDB-AM) também só usou a tribuna duas vezes. Mas, assim como Ulysses Guimarães, ele tem seus motivos: Cabral só tem tempo para cuidar do seu relatório e o Ulysses sempre que está no plenário tem que presidir a Mesa, por isso não subiu à tribuna uma só vez.

Os representantes dos partidos de esquerda (PT, PDT, PC do B, PCB e PSB) e o PMB não têm medo da tribuna. A totalidade de seus parlamentares fez uso dela na Constituinte. Enquanto isso, são do PMDB os deputados e senadores mais arredios ao plenário: dos 115 constituintes que nunca usaram a tribuna, 67 são daquele partido (22%); 36 são do PFL (27,3%); 7 do PDS (19%); 3 do PTB (15%), um do PL (12,5%), e outro do PDC (16,6%). O levantamento foi feito com base em informações do Serviço de Taquigrafia da Constituinte e do Diário da Constituinte, que registra o uso diário da tribuna.

Nesse mesmo período, os campeões da tribuna são Amaury Müller (PDT-RS), que usou-a por 125 vezes, e José Genoino (PT-SP), que falou 115 vezes. Em seguida vêm Adylson Motta (PDS-RS), que usou 86 vezes; Nilson Gibson (PMDB-PE), 81; Haroldo Lima (PC do B-BA), 79; Amaral Netto (PDS-RJ), 77; Jorge Arbage (PDS-PA); 67; e Siqueira Campos (PDC-GO), que falou 66 vezes no plenário da Constituinte.

Para Adylson, o plenário é fundamental

Para o deputado Adylson Motta (PDS-RS), a tribuna é fundamental. "É o que dá transparência ao Poder Legislativo, à administração pública. Agora isso, é a arma que dispõem as minorias", fala o deputado, informando ainda que, das 151 reuniões da Assembleia Nacional Constituinte, ele só faltou a oito e, das 25 sessões realizadas até agora pelo Congresso, só deixou de comparecer a uma delas.

Ele reconhece também a importância dos contatos dos parlamentares com as bases, mas disse que desde que foi eleito para a Constituinte avisou às suas que neste primeiro ano ficaria mais em Brasília.

Em seus discursos, Adylson Motta se coloca, a favor do parlamentarismo, "desde que seja aprovado o seu modelo clássico", do sistema eleitoral distrital misto e, com relação ao mandato presidencial, defende "o mais curto possível" para o Presidente Sarney e as próximas eleições para 88, dependendo do regime aprovado. "O importante, afirma, é que se caracterize o atual mandato presidencial como de transição".

Zanetti, o "brigão", gosta do apelido

O deputado Hermes Zanetti (PMDB-RS) riu muito ao saber que entre os jornalistas que cobrem a Constituinte é chamado de "o brigão". Disse que nunca havia parado para refletir sobre isso, mas aceitou bem o apelido, atribuindo-o à forma como aprendeu a viver, "brigando pela vida". Zanetti nasceu no campo e,

junto com seus nove irmãos, conheceu desde cedo a lutar pela sobrevivência. Aos quatro anos já trabalhava na roça e somente aos 14 anos calçou seu primeiro chinelo e conheceu a primeira cidade.

Na Constituinte, Zanetti já falou 27 vezes em plenário, brigando "por uma nova perspectiva de vida para o povo", e explica: "Quem viveu como eu, sempre com muita dificuldade, tem uma outra visão das coisas. Daí a minha preocupação constante com o dinheiro público, com a dívida externa. Nunca me bato por interesses pessoais, mas sempre pelo coletivo. É uma coisa que vem de dentro, sem artificialismo". Mas assumiu uma briga que teve há alguns meses no plenário, quando o deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) deixou de registrar em ata uma proposição sua. "O episódio nunca foi bem esclarecido. Na verdade, eu nunca iria bater no velho (senador Afonso Arinos (PFL-RJ)), mas se não tivessem me segurado, teria batido mesmo no Sant'Anna", declarou.

Sobre a questão de se usar ou não a tribuna, Zanetti acha que está relacionada à posição política ideológica de cada um. "Para mim, não tem segredo, é como se estivesse diante de uma câmera, sempre me focalizando". Observa que os políticos de direita têm outros instrumentos, por isso não fazem muita questão de usar a tribuna.

Estes nunca usaram o microfone

PMDB — Afonso Camargo, Alarico Abib, Albérico Filho, Alfredo Campos, Almir Gabriel, Aloysio Teixeira, Alvaro Antônio, Amílcar Moreira, Antônio Carlos Franco, Basílio Villani, Borges da Silveira, Bosco Franca, Carlos de Carli, Carrel Benevides, Dalton Canabrava, Dirceu Carneiro, Domingos Juvenil, Felipe Chelide, Fernando Cunha, Firmo de Castro, Franca Teixeira, Francisco Pinto, Geraldo Bulhões, Haroldo Sabóia, Irapuan Costa Júnior, Ivo Cersósimo, João Carlos Bacelar, João Rezek, Joaquim Haickel, Joaquim Sucena, José Carlos Sabóia, José Carlos Vasconcelos, José Ignácio Ferreira, José Maranhão, José Melo, José Richa, José Serra, José Ulisses de Oliveira, Leopoldo Bessone, Leopoldo Peres, Manoel Ribeiro, Márcio Lacerda, Mário Bouchardet, Mário de Oliveira, Matheus Iesen, Mattos Leão, Maurício Pádua, Mauro Campos, Mendes Canale, Milton Lima, Moysés Pimentel, Olavo Pires, Paulo Silva, Paulo Zazzur, Plínio Martins, Rachid Saldanha Derzi, Raimundo Lira, Raimundo Rezendes, Renato Bernardi, Renato Johnsson,

Roberto Brant, Roberto Vital, Sérgio Werneck, Severo Gomes, Silvio Abreu, Vight Rosado, Wagner Lago.
PFL — Alexandre Costa, Antônio Ferreira, Arnaldo Prieto, Carlos Chiarelli, Christóvam Chiaradia, Cleonânio Fonseca, Eliezer Moreira, Etevaldo Nogueira, Eunice Michiles, Ezio Ferreira, Francisco Benjamin, Francisco Coelho, Francisco Dornelles, Guilherme Palmeira, Homero Santos, Ivan Bonato, Jairo Azi, Jayme Santana, Jessé Freire, João Alves, João Lobo, Jonival Lucas, José Agripino, José Mendonça Bezerra, José Queiroz, Levy Dias, Lourival Baptista, Marco Maciel, Nelson Sabrá, Orlando Bezerra, Osvaldo Coelho, Pedro Ceolin, Rita Furtado, Rubem Medina, Sadie Hauache, Victor Trovão.
PDS — Adauto Pereira, Carlos Virgílio, Delfim Netto, Henrique Córdova, Mello Reis, Roberto Campos, Vieira da Silva.
PTB — Carlos Alberto, Roberto Augusto, Roberto Torres.
PL — Itamar Franco
PDC — Paulo Roberto Cunha.